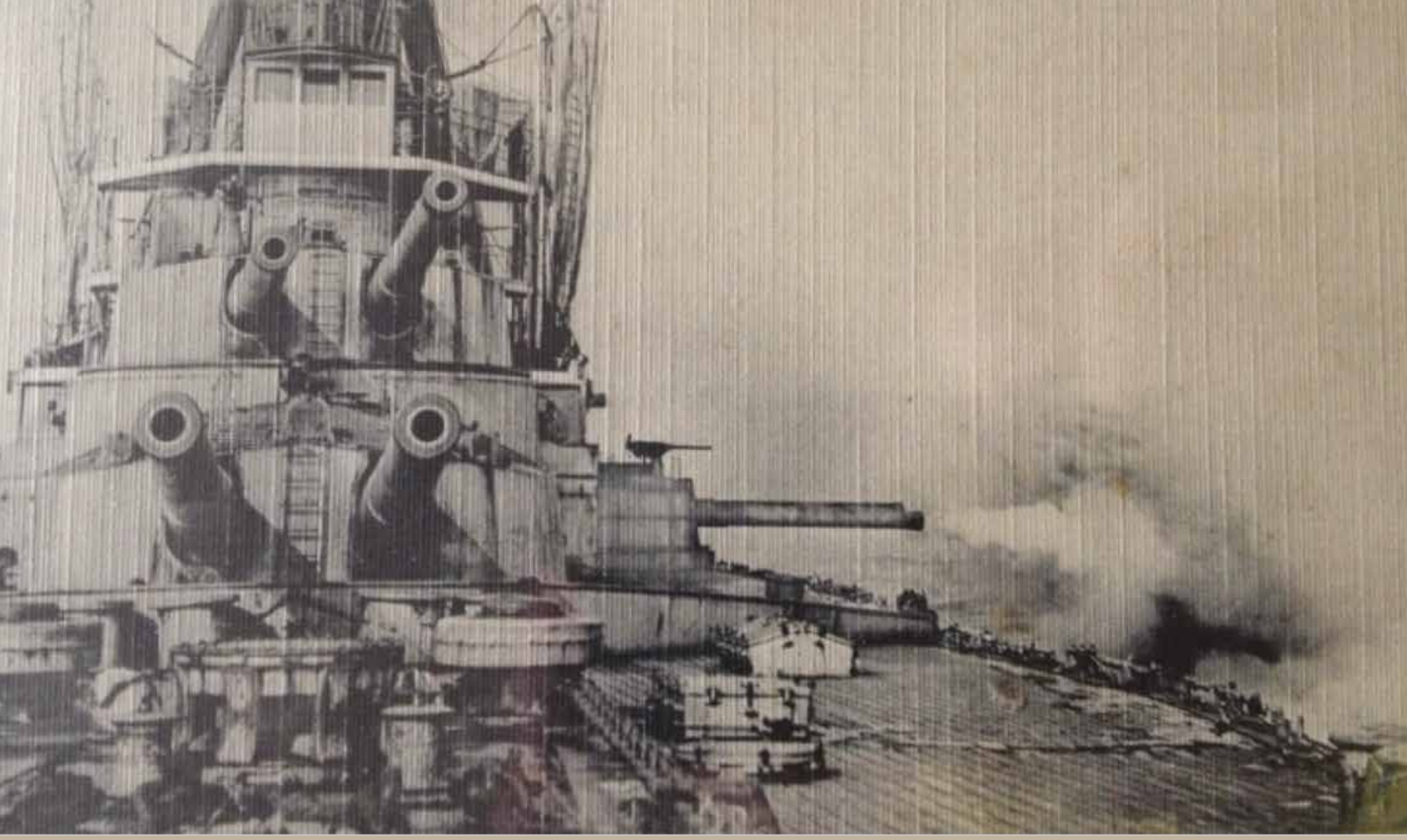

# ARMAMENTISTAS DE ESCOL

*Capitão-de-Mar-e-Guerra (RM1)*
*Pedro Gomes dos Santos Filho*[1]

Uma Força Tarefa da Marinha Real britânica realizava exercícios operativos no mar, quando seu Comandante enviou a todos os navios sinal encerrando as atividades. O motivo era a preparação em termos de pintura, limpeza e arrumação, com vistas à visita e à inspeção da autoridade germânica, Kaiser Wilhelm II. O Comandante do Primeiro Esquadrão de Cruzadores, condutor de um exercício de tiro, perguntou se um dos seus navios, que se encontrava no meio do exercício, poderia concluí-lo. Ao receber a resposta negativa, o Comandante do Esquadrão enviou ao navio a seguinte mensagem, tomando os necessários cuidados para que ela pudesse ser recebida por toda Força Tarefa, inclusive, e principalmente, por seu superior:

"Como a pintura parece ser mais importante do que o armamento, é melhor interromper o exercício para ficar bonitinho [...]".[2] (tradução livre)

xxx

Um Oficial, prestes a ser promovido a Capitão-de-Corveta, servindo no USS "Kentucky", à época o mais novo navio da sua Marinha, observou que os sistemas de armas dos navios norte-americanos, inclusive dos mais novos, apresentavam deficiências

[1] Doutor em Política e Estratégia pela Escola Superior de Guerra.

[2] "*Since paintwork seems to be more in demand than gunnery you had better come in and make yourself pretty* [...]." Disponível em: <http://www.gwpda.org/naval/pers0001.htm>. Acesso em: 30/12/2013.

incompatíveis com uma força de combate eficaz. Ao constatar que seus relatórios sobre o tema enviados aos superiores não provocavam nenhum resultado, não teve dúvida. Escreveu uma carta detalhando seu ponto de vista diretamente para ninguém menos do que o Presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, desprezando por completo a cadeia de comando. Assim começava a carta:

"Eu desejo chamar a sua atenção sobre o extremo perigo da atual condição ineficiente da Marinha, considerada como uma força de combate".[3] (tradução livre)

xxx

Os indesejáveis atos de indisciplina descritos poderiam ter interrompido ou prejudicado a carreira dos seus protagonistas. Não foi o que ocorreu. Com o tempo, devido às suas inúmeras qualidades e dedicação aos ofícios do armamento naval, o Comandante do Esquadrão tornou-se o "Pai da artilharia moderna" e, na Marinha norte-americana, o Oficial ficou conhecido como "O homem que nos ensinou a atirar".

Almirante William Sowden Sims (1858 – 1936)

William Sowden Sims, canadense de nascimento, entrou para a Academia Naval dos Estados Unidos em 1876 e graduou-se quatro anos depois. Após comissões em vários navios, serviu na Europa no período de 1887 a 1900, quando teve a oportunidade de estudar os sistemas de armas utilizados por algumas Marinhas, os quais avaliou como melhores do que aqueles empregados pela Marinha dos Estados Unidos. Seus estudos foram confirmados a bordo do USS "Kentucky", que cumpria período operativo na China, ao comparar os resultados dos tiros dos navios norte-americanos com os navios ingleses, também em missão naquele país. Em novembro de 1901, escreveu a surpreendente carta ao Presidente.

Roosevelt, quando era Subsecretário da Marinha, assistiu a um exercício de tiro dos encouraçados, que dispararam 200 tiros sobre um pequeno navio como alvo, a uma distância de 2.800 jardas, e obtiveram apenas dois acertos.[4] Portanto, tinha conhecimento do mau desempenho da artilharia naval. Após ler a carta, ficou convencido de que as ideias do jovem Oficial poderiam aprimorar a pontaria dos navios da sua Marinha e, pouco tempo depois, o designou Navy's Inspector of Target Practice.

Comandante do USS "Minnesota" e do USS "Nevada", Comandante da Força de Contratorpedeiros da Esquadra do Atlântico e Presidente do Naval War College foram alguns dos cargos exercidos por Sims até ser promovido a Contra-Almirante, em fevereiro de 1917. Dois meses mais tarde, quando da entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial, foi designado Oficial de Ligação com a Marinha Real britânica e logo depois, como Vice-Almirante, assumiu o Comando das Forças Navais norte-americanas na Europa. Após a guerra, retornou a Newport para mais uma vez exercer a Presidência do Naval War College, cargo que honrou até ir para a Reserva, com 64 anos, em 1922.

Durante a sua profícua carreira, desenvolveu nova doutrina de manobras táticas para os contratorpedeiros, contribuiu para o aperfeiçoamento da proteção aos comboios empregando os contratorpedeiros como escoltas, foi peça chave na política de construção dos modernos encouraçados da sua Marinha, entre outras realizações. Em 1921, recebeu o Prêmio "Pulitzer", outorgado a pessoas que realizam trabalhos de excelência na área da literatura, da música e do jornalismo, com o seu livro "Victory at sea", sobre a Primeira Guerra Mundial. Mas foi como Navy's Inspector of Target Practice que se destacou, a ponto de seu biógrafo, Elting Morison, afirmar que, quando Sims deixou o cargo, em 1909,

[3] *"I wish to bring to your attention, namely, the extreme danger of the present very inefficient condition of the Navy, considered as a fighting force."* JOHNSON, Hubert C. Anglo-American Naval Inventors, 1890–1919: Last of a Breed. **International Journal of Naval History**. Volume 1, Number 1, 2002.

[4] HUGHES, Wayne P. Jr. **Fleet Tactics**. Annapolis, Maryland: U.S. Naval Institute Press, 1998, p. 69.

"o armamento naval da Marinha norte-americana era provavelmente o melhor do mundo". [5]

Sem dúvida, nos seis anos e meio como Inspetor de Tiro, Sims pôde aprimorar a eficácia do armamento naval de sua Marinha, ao colocar em prática seus conhecimentos e talento. Mas, é importante ressaltar, parte do seu sucesso se deve aos ensinamentos absorvidos de um Oficial inglês, que encontrou em março de 1901, em Hong Kong: Sir Percy Moreton Scott.

Como era normal naqueles tempos, Percy Scott ingressou na Marinha ainda adolescente, em 1866, como *midshipman* (palavra derivada da parte do navio em que os meninos eram alojados a bordo). Cumpriu os postos iniciais da carreira embarcado em vários navios, o que proporcionou o primeiro contato com as lides da artilharia naval. Promovido a Capitão-Tenente, serviu como Instrutor nas Escolas de Artilharia HMS "Cambridge" e "Excellent".[6] No posto de Capitão-de-Fragata, foi designado Comandante do Encouraçado "Edinburgh". Como Capitão-de-Mar-e-Guerra, assumiu, em 1896, o Comando do Cruzador HMS "Scylla".

Almirante Sir Percy Scott (1853 – 1924)

Até o final do século 19, a distância de engajamento dos navios era cerca de 2.000 jardas. Com o emprego operacional do torpedo, tornou-se necessário engajar o inimigo a maiores distâncias, fora do raio de ação cada vez maior daquela nova arma. A tendência da precisão do tiro, que já não era boa a curta distância, era piorar. Não piorou; aliás, melhorou, graças a Sir Percy Scott. No Comando do "Scylla", ele começou a revolucionar a precisão do tiro naval ao aprimorar o treinamento, visando elevar todos os artilheiros ao nível de excelência dos melhores, selecionados pela observação do seu desempenho nos exercícios de tiro. Além disso, introduziu modificações técnicas nos canhões que facilitaram a tarefa dos apontadores, melhorando a precisão. Por sua iniciativa, em cada exercício era estimulada a competição e concedidos prêmios. Seu navio, após um ano para a adaptação às modificações, estabeleceu novos recordes nos exercícios de tiro. Com o tempo, suas inovações foram aproveitadas com sucesso por outros navios e outras Marinhas.

Para se ter ideia da revolução que as inovações de Sir Percy causaram na precisão do tiro, basta comparar que em 1898 cinco navios realizaram exercício de tiro sobre um casco de uma barca farol na distância de 1600 jardas e obtiveram apenas dois acertos durante 15 minutos de fogo. Seis anos depois, um artilheiro, abrindo fogo durante um minuto sobre um alvo de 22 x 8 metros na mesma distância, obteve a marca de 15 acertos. O aumento de precisão foi da ordem de 3.000 por cento. [7]

Após dois brilhantes Comandos, nada mais justo do que um terceiro. Desta feita, Percy assumiu o Cruzador "Terrible", com a ordem de se dirigir para a China. Durante a travessia, foi destacado para a África do Sul, onde havia começado a segunda Guerra dos Boers, ocasião em que pôde prestar valiosa colaboração ao Exército britânico, aplicando os seus conhecimentos na resolução de problemas técnicos relativos ao armamento. Durante a estação na China, teve a oportunidade de conhecer William Sowden Sims.

Em 1905, Scott foi designado Comandante da Escola de Artilharia HMS "Excellent". Nesse ano, promovido a Contra-Almirante, exerceu por dois anos o cargo de Inspector of Target Practice, até que, em julho de 1907, recebeu seu Comando no mar como Oficial General. Assumiu o Primeiro Esquadrão de Cruzadores, cargo do qual quase foi exonerado após a sua insubordinada mensagem questionando a ordem dada pelo Almirante Lord Charles Beresford[8], determinando o encerramento dos exercícios, a fim de preparar os navios para a inspeção do Imperador germânico.

[5] JONES, Jerry W. **U.S. batleships operations in World War I.** Annapolis, Maryland: U.S. Naval Institute Press, 1998, p. 56.

[6] O prefixo HMS (*Her/His Majesty's Ship)* também é usado por alguns estabelecimentos de terra, os quais, na Royal Navy, são designados como "fragatas de pedra" (*stone frigates*).

[7] JURAN, J. M. **A qualidade desde o projeto.** São Paulo, SP: Cengage Learning, 1992.

[8] Commander in Chief of the British Channel Fleet.

Foi mantido no cargo graças à intervenção de Sir John Fisher, Primeiro Lorde do Almirantado, seu amigo e admirador.

Em 1908, partiu com seu Esquadrão em viagem à América do Sul, tendo a oportunidade de visitar o Rio de Janeiro, onde recebeu a notícia da sua promoção a Vice-Almirante. Percy gostou do Rio. A cidade foi alvo de entusiasmados elogios registrados no seu livro autobiográfico "50 anos na Royal Navy". Petrópolis e o Corcovado foram lugares que teve a oportunidade de desfrutar. Durante a estadia, foi seu Oficial de Ligação o Comemch, Almirante Joaquim Antônio Cordovil Maurity, herói da Guerra do Paraguai. A influência de Sir Percy na Marinha do Brasil se estendeu no tempo por dois motivos. O primeiro caracteriza a sua liderança. Sir Percy Scott serviu de inspiração para uma geração de Oficiais brasileiros especializados em armamento, que transformaram a década de 20 em uma "fase áurea da artilharia".[9] O outro diz respeito à sua capacidade técnica. Uma das suas invenções, um aparelho de sinalização visual usado a bordo de navios para enviar mensagens durante a noite utilizando o alfabeto Morse, lembraria para sempre o seu nome: o escote.

O título "Pai da artilharia moderna", dado a Sir Percy Scott, é justo. Além das melhorias promovidas no treinamento, durante toda a sua carreira criou inovações tecnológicas aplicadas ao armamento naval, que seriam as bases dos primeiros sistemas de direção de tiro de canhões (*fire control*), desenvolvidos a partir das suas ideias e de outros talentosos inventores, entre eles, Bradley A. Fiske, Almirante norte-americano.[10]

Ao se constatar a existência de excelentes Oficiais de armamento em ambas as Marinhas, é inevitável a pergunta: Qual delas, então, atirava melhor?... Acertou quem apostou na Royal Navy.

A superioridade britânica ficou patente na Primeira Guerra Mundial, quando um Esquadrão de encouraçados norte-americanos, composto pelos navios "New York" (BB-34), "Wyoming" (BB-32), "Florida" (BB-30) e "Delaware" (BB-28), operou em conjunto com a Grande Esquadra britânica, de dezembro de 1917 a junho de 1918. Os encouraçados não chegaram a entrar em combate, mas nos exercícios de tiro realizados durante esse período o desempenho dos visitantes foi sempre inferior, somente se igualando aos britânicos ao final das operações. [11]

A Primeira Guerra Mundial estreitou os laços de união das Marinhas de Sims e Scott. O apoio norte-americano aos britânicos durante esse período foi incentivado por Sims, como Comandante das Forças Navais norte-americanas na Europa. Nessa época, Scott era o responsável por estabelecer a defesa aérea para a proteção de Londres contra a ameaça de ataques aéreos.

Scott e Sims eram extremamente criativos. Tinham temperamentos semelhantes, não eram pessoas de trato fácil. Defendiam com ardor seus pontos de vista mesmo quando contrariavam as ideias de seus superiores, não importando se fossem Lord Charles Beresford ou o grande estrategista Alfred Thayer Mahan, de quem Sims discordou diversas vezes. Detestavam a inércia causada pela burocracia, rebelavam-se contra o tédio e a ineficiência; queriam suas Marinhas prontas para o combate e brigavam por isso. Eram movidos pelo desejo de aprimorar tudo que se relacionasse com a profissão que escolheram. Gostavam de dividir informações, não achavam que possuíam o monopólio do conhecimento ou das ideias. No exercício do cargo de Navy's Inspector of Target Practice, conseguiram um notável padrão de excelência no desempenho do armamento de suas Marinhas. Muitos os consideram pessoas que sabiam tirar proveito e tornar factíveis boas ideias, mesmo que não fossem suas. Essas foram as qualidades que os transformaram em líderes navais de renome internacional, verdadeiros armamentistas de escol.

[9] BRASIL. Ministério da Marinha. **História Naval Brasileira**. Volume V, Tomo II. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1985.

[10] Além da sua enorme contribuição no campo do armamento e da tática, Fiske, outro armamentista de escol, foi o inventor do estadímetro que leva o seu nome, utilizado durante muito tempo nos passadiços dos navios da Marinha do Brasil.

[11] JONES, Jerry W. **U.S. battleships operations in World War I**. Annapolis, Maryland: U.S. Naval Institute Press, 1998, p. 77.

*BIBLIOGRAFIA*

BRASIL. Ministério da Marinha. **História Naval Brasileira**. Volume V, Tomo II. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1985.

HOUGH, Richard Alexander. **The Great War at sea**. Edinburg, UK: Birlinn, 2000.

HUGHES, Wayne P. Jr. **Fleet Tactics**. Annapolis, Maryland: U.S. Naval Institute Press, 1998.

JOHNSON, Hubert C. Anglo-American Naval Inventors, 1890 – 1919: Last of a Breed. **International Journal of Naval History**. Volume 1, Number 1, 2002.

JONES, Jerry W. **U.S. battleships operations in World War I**. Annapolis, Maryland: U.S. Naval Institute Press, 1998.

JURAN, J. M. **A qualidade desde o projeto**. São Paulo, SP: Cengage Learning, 1992.

MORISON, Elting E. **Men, machines, and modern times**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1966, pp. 17-44.

SCOTT, Sir Percy. **Fifty years in the Royal Navy**. London: John Murray, 1919.